

## A “negra do hospital”: mulher guineense funda o primeiro hospital das Américas

*Mesmo conhecendo o silêncio e a ignorância que rodeiam a enorme contribuição da África e dos africanos à construção do mundo moderno, fico frequentemente surpreendido pelo facto de ser tão difícil ter acesso aos traços físicos dessa história ou encontrar formas locais de memória que elevem o papel dos africanos à sua justa dimensão.*

Howard French. Construído em cima dos corpos dos escravos. Como os africanos foram apagados da história do mundo moderno

### Resumo

O hospital é, sem contestação possível, uma das maiores criações da Humanidade. No caso do continente americano, sabe-se que o primeiro foi fundado entre 1497 e 1501 em Santo Domingo (ilha Hispaniola), nas Caraíbas, por uma africana. Esta passou a ser conhecida como a “negra do hospital”, pois o seu nome e outros dados biográficos não constam em nenhum documento conhecido. A partir de 1503, um segundo hospital foi fundado na mesma área pelo governador de Santo Domingo. Contrariamente à “negra”, os dados do espanhol Nicolás de Ovando estão registados e a sua obra é considerada oficialmente o primeiro hospital das Américas. Esta narrativa é no entanto posta em causa em vários documentos e pela tradição.

Os nomes de muitos outros escravos africanos também não constam de nenhum documento de embarque num navio escravagista ou outro documento oficial da colónia. A prática deliberada de não registo de nomes era uma das vias utilizadas pelos escravagistas para tentar objetificar os escravos africanos, isto, é desumanizá-los e transformá-los em seres sem identidade, dignidade, passado ou cultura.

Como outros escravos africanos na etapa inicial da colonização de Hispaniola, a “negra do hospital” terá viajado da África Ocidental para Espanha (provavelmente Sevilha) e daqui para Santo Domingo. Todos os africanos na Ilha estavam sujeitos ao regime racista, brutal e desumano do sistema escravagista. Mas as mulheres sofriam ainda mais devido à sua tripla condição de negra, escrava e mulher. Quando chegou a Santo Domingo, a “negra do hospital” era alforriada. Apesar de não ter tanta liberdade, ao ser alforriada já não era considerada escrava, mas continuava a sofrer os preconceitos de ser negra e mulher. Era relativamente livre, mas continuava a ser vista e tratada como inferior.

Quem cuidava dos africanos doentes eram outros escravos africanos. O que fundamentalmente distinguiu a “negra do hospital” dos outros terapeutas presentes em Hispaniola foi a sua visão de medicina, que a levou a utilizar uma infraestrutura física para

receber e tratar doentes ao abrigo dos elementos do clima. Antes não havia nenhum estabelecimento hospitalar em Hispaniola ou em qualquer outro lugar das Américas. A “negra do hospital” curou africanos, ameríndios e brancos pobres.

Nos documentos aos quais tivemos acesso não há informações precisas sobre como a “negra” exercia medicina. Mas sabe-se que, durante a época em que ela trabalhou, os espanhóis em Hispaniola só conheciam as doenças que eles próprios introduziram e que se revelaram frequentemente fatais para a população ameríndia autóctone. Não conheciam e não sabiam tratar as doenças das regiões tropicais da África e das Américas. Quem sabia eram os africanos e os ameríndios tinham conhecimentos sobre a utilidade das plantas medicinais e as propriedades terapêuticas de certas plantas alimentares, na base das quais preparavam e administravam medicamentos. Muitas dessas plantas foram introduzidas de África, segundo múltiplas evidências.

Sobre a construção do verdadeiro primeiro hospital pela africana existem manuscritos de dois arcebispos católicos da Ilha à Coroa Espanhola, vários documentos e a tradição oral. Quanto à origem da “negra do hospital”, um dos escritos refere-se à Senegâmbia, termo que na altura e durante muito tempo depois, designava os territórios dos atuais Estados do Senegal, da Gâmbia e da Guiné-Bissau. Mas dois especialistas são mais precisos e confirmam que ela era efetivamente oriunda do território que é atualmente a Guiné-Bissau.

Há provas de que quando Ovando chegou à Hispaniola em 1502 o hospital da “negra” já existia. Documentos atestam que ele sabia, inspirou-se nele e mandou construir um novo hospital, maior e de pedra ao qual deu o seu nome. Porque é que nenhum documento oficial atribui à “negra” a fundação do primeiro hospital das Américas? A opinião prevalecente é porque Ovando, governador espanhol de Hispaniola, não podia aceitar que a sua obra fosse ocultada pela obra de uma negra, por mais piedosa que ela fosse.

Hoje em Santo Domingo diante das ruínas do hospital San Nicolás de Bari existe uma placa onde se pode ler que foi Ovando que construiu o primeiro hospital das Américas. Nenhuma placa ou outra marca assinala a obra da “negra do hospital”. Mas como escreveu Emmanuel Dongala, *a história de um povo não deve morrer com aqueles que nela participaram. Ela deve ser transmitida de boca em boca, de memória em memória aos netos dos nossos netos.*

## Introdução: contar a história que não foi contada

A emigração forçada de africanos para a Ásia, a Europa, e as Américas nos porões escuros e sórdidos dos navios escravagistas é um capítulo importante da história da África globalmente, de cada um dos lugares de origem dos escravizados e das suas novas pátrias além dos oceanos Índico e Atlântico, e dos mares Vermelho e Mediterrâneo. Outros africanos



Mapa de Hispaniola nas Caraíbas. Fonte: [https://es.123rf.com/photo\\_195427057\\_hispaniola-y-alrededores](https://es.123rf.com/photo_195427057_hispaniola-y-alrededores).

escravizados foram obrigados a atravessar o deserto do SARA no sentido sul-norte. Na Guiné-Bissau e em África de um modo geral, muito pouco ou nada foi ensinado sobre esse passado, nem durante nem depois da colonização. Este ensaio, imperfeito e incompleto, baseado em fontes secundárias, tenta abordar uma parte da história do primeiro hospital do continente americano, fundado em Santo Domingo por uma mulher guineense. Santo Domingo era o território que atualmente é a República Dominicana, situada na parte oriental da Ilha Hispaniola no mar das Caraíbas. Hoje Santo Domingo designa unicamente a capital da República Dominicana, enquanto Haiti ocupa a parte ocidental da ilha.

Apesar do progresso fundamental que a obra da referida mulher representa para as Américas e o mundo, o seu nome e outros dados biográficos não estão registados em nenhum documento conhecido e tão-pouco na tradição oral. Há inúmeros outros casos nos mais diversos domínios em que o protagonismo individual ou coletivo de escravizados e colonizados africanos e seus descendentes não é reconhecido. Existem por isso fortes razões para pôr em causa a aprendizagem, a escritura e o ensino da história do mundo na sua forma atual. Referindo-se à República Dominicana, Clarisa Carmona<sup>1</sup> afirma: “Fomos educados para nos olharmos a nós próprios de um certo modo, fruto de anos de um ensino manipulado sobre a nossa identidade como nação”. Por seu lado, a historiadora queniana Chao Tyiana Maiana<sup>2</sup> considera “profundamente injusto o facto do nosso passado nos ser dado a conhecer através do prisma dos outros” e conclui que “a nossa história não nos é contada como algo que construímos ou para o qual contribuimos”.

Durante muito tempo, os ocidentais afirmaram que os povos sem escrita eram povos sem história<sup>3</sup>. Os arquivos coloniais têm pouca consideração pela memória oral dos povos colonizados transmitida de geração em geração. Ela é vista como antagónica com as

<sup>1</sup> Clarissa Carmona. Esclavitud más allá de la plantación. El caso de Santo Domingo (siglo XVIII). *Revista Estudios Generales* no. 5. 14/07/23.

<sup>2</sup> Chao Tyiana Maiana. Meet the ‘headstrong’ historian bringing Africa’s past to life – for Africans. Entrevista a Caroline Kimen. *The Guardian*, 05/07/23.

<sup>3</sup> Aline Helg, « L’oral et l’écrit dans l’historiographie des esclaves afro-descendants. » In : *Amériques Noires : Réflexions. Oralité et résistance culturelle et amalgama*. Université de Genève, 2009, p. 13.

narrativas escritas. A este respeito, é esclarecedor o que escreve Françoise Vergès no seu livro com o título evocativo *A memória amordaçada*<sup>4</sup>:

*Os historiadores e os jornalistas insistem na divisão entre memória e história que eles próprios criaram. Associam a memória aos povos e grupos descendentes da escravatura e definem-na como subjetiva e instrumentalizada pela ideologia da vitimização. Quanto à história, que consideram científica e razoável, reservam-na aos investigadores.*

Vergès argumenta que o que está em causa é a sobrevalorização dos arquivos europeus, quando o que se deve fazer é dar-lhes o seu justo lugar ao lado de outras fontes de estudo da história da escravatura<sup>5</sup>. Vários académicos observam um problema crucial que é o facto de os arquivos históricos sobre a escravatura transatlântica terem sido produzidos pelos esclavagistas ou seus descendentes<sup>6</sup>. As fontes coloniais são úteis, mas não se pode depender delas<sup>7</sup>.

Muitos historiadores têm uma ligação estreita com a ideologia do colonialismo e do império. Outros não são necessariamente adeptos dessa ideologia, mas têm dificuldades em questionar os métodos e as fontes que aprenderam, e só consideram cientificamente credíveis os arquivos históricos coloniais. Na hora atual, vários historiadores e políticos insurgem-se contra aquilo a que chamam reescritura da história, isto é, o refazer da história pelos descendentes dos povos escravizados e colonizados. No fundo e para além da questão de métodos, o que eles pretendem é impedir que se ponha cobro às graves distorções e omissões que caracterizam tantos trabalhos e publicações sobre o passado dos africanos. Esquecem-se que estes, na sua quase totalidade, não “tinham voz” na historiografia colonial<sup>8</sup>.

Entre as fontes alternativas que podem servir de base à investigação, Judith Carney refere-se a “textos inventivos”<sup>9</sup>. Estes incluem obras de arte, vestígios de paisagens, cultura material, linguística, arqueologia histórica, gastronomia e genética. As lendas podem igualmente fornecer pistas interessantes para o estudo da história, mas que os historiadores “clássicos” vêm como uma contradição com a realidade. Embora não se possa interpretar uma lenda à letra, ela constitui uma fonte de história quando é baseada em factos reais.<sup>10</sup> Podemos dizer que é a lenda ao serviço da história. Acrescentemos a etnonímia (nomes de etnias) e a toponímia (nomes de lugares) como propomos na secção ‘Ser escrava africana

<sup>4</sup> Françoise Vergès. *La mémoire enchaînée. Questions sur l’esclavage*. 2006.

<sup>5</sup> Françoise Vergès, *op. cit.* p. 65.

<sup>6</sup> Judith Carney. *Black Rice. African Origins of Rice Cultivation in the Americas*, 2001; Isabel Castro Henriques e Louis Sala-Molins Henriques. *Dérision, esclavage et droit. Les fondements idéologiques et juridiques de la traite négrière et de l’esclavage*, 2002 ; Doan Bui. » La saga de l’esclave Madeleine et de son fils Furcy. » In: *Esclavage. Une Histoire française*, 2021.

<sup>7</sup> Edda Fields-Black (2008),

<sup>8</sup> Ver Carney, 2001, 2018 ; Vergès, 2006.

<sup>9</sup> Judith Carney, 2018, p. 243

<sup>10</sup> Judith Carney, 2004

em Santo Domingo'. Um outro “texto inventivo” são filmes de ficção baseados em factos históricos. Um exemplo pertinente é o filme “Babalú-Ayé y la negra del hospital”, realizada pela dominicana Yelaine Rodriguez em 2022, com o apoio do Departamento de Medicina da



Excerto do filme Babalú-Ayé y la negra del hospital. Fonte: <https://www.yelainenyc.com/works/babalu-aye>.

Universidade de Columbia nos Estados Unidos.

Para podermos contar vários capítulos do nosso passado que não foram ou foram mal contados, é indispensável utilizar fontes alternativas de informação tendo em conta as limitações de cada uma delas e também as limitações próprias dos arquivos coloniais. Judith Carney (2018)<sup>11</sup> fala de pluralidade metodológica e defendem que “juntas, tradições de investigação tão diversas oferecem abordagens sem paralelo em matéria de informação para construir conhecimentos”.

A fragilidade dos traços de vida dos escravos é patente nos arquivos<sup>12</sup>. Assim, muitas pessoas que mudaram a trajetória da história foram depois esquecidas ou imperfeitamente registadas (J.C. Hallman, 2023). As suas vidas não foram documentadas como outras foram, por exemplo, durante uma revolta (Cottias 2021). O resultado é que as vozes dos escravizados foram excluídas da história, de modo que é necessário “escutar agora os seus descendentes”<sup>13</sup>.

Uma das formas de olhar para os escravizados como sujeitos de história é, na proposta de Cottias, ler através dos arquivos produzidos pelos escravagistas, e procurar e interligar fragmentos isolados para reconstruir as “vidas roubadas”<sup>14</sup>. Uma dessas vidas é, sem dúvida a da “negra do hospital”. Mas muitas histórias que não foram contadas, não foram necessariamente esquecidas, defende ainda Cottias.

As histórias individuais podem ajudar a conhecer o passado de uma determinada comunidade, época ou lugar. Tentar conhecer a vida e obra da “negra do hospital” é ter a necessidade de abordar certos aspetos da história dos africanos escravizados em Santo Domingo e mesmo nas Américas de um modo geral. Embora haja alguns traços escritos preciosos sobre a “negra do hospital”, sem a persistência da memória coletiva dominicana e a determinação dos seus detentores, a criação do verdadeiro primeiro hospital no continente americano não seria contada, ficaria “fora da história”.

<sup>11</sup> Ver também Case Watkins and Judith Carney, 2022.

<sup>12</sup> Doan Bui, obra citada.

<sup>13</sup> Brooke Newman, 2023

<sup>14</sup> Myriam Cottias, p. 48

## Ser escrava africana

Estudar e contar a história das mulheres africanas em Santo Domingo da época em que viveu e trabalhou a “negra do hospital” é um grande desafio para os historiadores e as outras pessoas interessadas. Com efeito, escreve Lissette Acosta Corniel (2015), “a mulher negra na ilha Hispaniola do século XVI, as suas experiências, contributos e história não foram incluídos corretamente na historiografia da mulher nas Caraíbas”.

O primeiro lugar das Américas onde os escravizados africanos chegaram foi Santo Domingo<sup>15</sup> transportados de Espanha por Cristóvão Colombo. Este desembarcou pela primeira vez em Hispaniola em 1492 à procura de ouro. Entre esta data e a chegada do Governador espanhol Nicolás de Ovando em 1502 houve oito expedições espanholas à ilha<sup>16</sup>. A “negra do hospital” terá viajado numa dessas expedições. A presença espanhola que resultou dessas e outras viagens conduziu em poucas décadas à exterminação dos primeiros habitantes da ilha<sup>17</sup>. A outra consequência de Colombo foi a importação de escravizados africanos para trabalhar na cana de açúcar, outras culturas e criação de gado. Eles eram selecionados pelos seus conhecimentos e competências nas respetivas áreas, conforme escrevem Judith Carney e Richard Rosomoff no seu livro *In the Shadow of Slavery. Africa's Botanical Legacy in the Atlantic World* (À sombra da escravatura. O legado borbónico africano no mundo Atlântico).

Santo Domingo tem as suas origens no século XV e foi, desde o início, concebido como um centro de comércio entre a Europa e as Américas.<sup>18</sup> Muitos dos primeiros escravos africanos que chegaram a Santo Domingo eram originários da Senegâmbia (a qual incluía então a Guiné-Bissau atual). Na fase inicial, os escravizados eram na sua grande maioria do sexo masculino, embora também houvesse mulheres. O sistema atingiu homens e mulheres com a mesma dureza.<sup>19</sup> Isso significa que as mulheres não foram poupadas. Mas como veremos foram ainda submetidas a fatores específicos que agravaram a sua condição.

Antes de transportarem os primeiros africanos do seu continente para o Novo Mundo, os espanhóis fizeram-no a partir de Espanha, sobretudo Sevilha, desde o século XV, indica Hugh Thomas (1997) na sua obra clássica sobre o comércio transatlântico de escravos. Os portugueses encaminhavam os escravizados que capturavam ou compravam em África para Portugal, onde os vendiam ou de onde os enviavam para a Espanha e outros países (Alex Borucki, 2012). Outros africanos eram levados em navios espanhóis

<sup>15</sup> Neido Novas, 2020; Lebawit Lily Girma, 2020; José Núñez Collado, 2022.

<sup>16</sup> Lissette Acosta Corniel, obra citada.

<sup>17</sup> 400 000 tainios, uma das etnias autóctones das Américas foram exterminados.

<sup>18</sup> José Núñez Collado, obra citada.

<sup>19</sup> Celsa Albert Batista, 1990

diretamente para Espanha<sup>20</sup>. Tal como os homens, as primeiras mulheres africanas chegaram a Santo Domingo provenientes de Sevilha após um processo chamado de “transculturação”, passando a ser denominadas negras ladinas<sup>21</sup>, o que as distinguiu das chamadas negras boçais<sup>22</sup>, transportadas diretamente de África, de acordo com Celsa Albert Batista<sup>23</sup>. Algumas ladinas teriam obtido ainda em Espanha a sua carta de alforria, isto é, passaram a ter direito a uma certa liberdade.

Com Carney e Rosomoff<sup>24</sup> aprende-se que, para desenvolver a bovinicultura nas Caraíbas, os escravagistas europeus importavam mão-de-obra africana especializada, constituída por fulas, mandingas e wolofs. Importavam também bovinos vivos da África Ocidental, o que teve um grande impacto no melhoramento genético das raças locais das Caraíbas. Os capitães dos navios escravagistas recebiam instruções para comprar bovinos da raça *n'dama* que eram depois revendidos, de acordo com Carney e Rosomoff<sup>25</sup>. Resultados de pesquisa científica recente do ADN do gado bovino nas Américas realizada por Nicholas Delson et al (2023) revelam claramente a presença de gado de origem africana. Os mesmos investigadores confirmam igualmente que os primeiros cowboys na América do Norte eram africanos, tal como Carney e Rosomoff tinham escrito<sup>26</sup>.

Devido a uma maior procura de mão de obra, o número de escravos foi aumentando, e a proporção de mulheres também. As mulheres africanas eram destinadas sobretudo ao trabalho doméstico<sup>27</sup>. “Aparentemente, era imprescindível viajar às Índias Ocidentais [o outro nome dado às Caraíbas], acompanhada de uma negra”.<sup>28</sup> Santo Domingo foi, durante as décadas que se seguiram à viagem de Colombo, o destino de algumas africanas libertas, a partir de Espanha. Existe a possibilidade, segundo Corniel, de a “negra do hospital” ter viajado voluntariamente de Espanha (Sevilha) para Santo Domingo. Daqui, algumas mulheres africanas tal como homens, partiram para outras colónias espanholas das Américas.

A presença de mulheres guineenses em Santo Domingo em finais do século XV e inícios do século XVI é documentada pelos seguintes factos: o caso Catalina Bran ( Bran provém de brame, designação da etnia mancanha nos escritos coloniais antigos); a presença de escravos brames em Santo Domingo<sup>29</sup>; existiam escravos fulas e mandingas dos dois sexos provenientes da Senegâmbia (designação que incluía então o Senegal, a Gâmbia e a Guiné-Bissau, como já referimos).

<sup>20</sup> Catherine Delamarre-Sallard e Bertrand Sallard, 1992; Hugh Thomas, 1997

<sup>21</sup> Os ‘ladinos’ eram africanos cristianizados que tinham aprendido a falar espanhol e adquirido vários elementos da cultura espanhola.

<sup>22</sup> Termo pejorativo que continua a fazer parte do vocabulário corrente de algumas camadas da população.

<sup>23</sup> Celsa Albert Batista, 1990, p. 190.

<sup>24</sup> Obra citada.

<sup>25</sup> Judith Carney e Richard Rosomoff, p. 161

<sup>26</sup> Judith Carney e Richard Rosomoff, p. 172

<sup>27</sup> Edmundo Fayanás Escuer, 2023.

<sup>28</sup> Lissette Acosta Corniel, obra citada.

<sup>29</sup> Ver Hugh Thomas (1997), José Luis Belmonte Postigo (2019) e Doudou Dième (2001);

Pelas informações a que tivemos acesso até este momento, não conseguimos satisfazer a nossa curiosidade sobre a eventual presença de outros escravos e escravas guineenses além de brames, fulas e mandingas, anteriormente referidos. Mas encontramos informações relativas à etnonímia (nomes de etnias) e toponímia (nomes de lugares) guineenses noutras colónias espanholas nas Américas como se pode ver nos exemplos no parágrafo a seguir.

A presença de brans (brames ou mancanhas), bijagós e felupes foi assinalada no Equador<sup>30</sup>. No Perú havia apelidos referentes a etnias como João Bran, Andres Nalu, Juan Anton Folupo e apelidos referentes a lugares como Cacheu, Pecixe, por exemplo<sup>31</sup>. Noutras colónias espanholas no hemisfério americano aparecem apelidos etnonímicos como Balanta, Mandinga, Pepel, etc. ou toponímicos como Catió e Biohó (derivado de Bijagó), por exemplo. O apelido Biohó ganhou grande notoriedade através da pessoa do escravo guineense fugitivo Benkos Biohó que fundou em 1599 na Colômbia o quilombo chamado Palenque de San Basílio, primeiro território negro livre das Américas, hoje património mundial da Humanidade.

As primeiras africanas foram levadas para Santo Domingo como escravas domésticas. Outras trabalhavam na colheita da cana-de-açúcar ou nos engenhos açucareiros. Ainda outras eram jornaleiras às quais os esclavagistas concediam uma certa liberdade de movimento. Há também documentação sobre o aluguer de escravas entre esclavagistas<sup>32</sup>.

Algumas escravas eram vendedeiras a mando dos seus proprietários. Eram conhecidas também por ganhadoras, pois podiam ganhar uma certa quantidade de dinheiro. Vendiam frutas, legumes e artigos confeccionados por elas mesmas a viúvas, pobres e outras pessoas necessitadas, esclarece Celsa Albert Batista. As vendedeiras atuavam em espaços públicos e a horas previamente determinadas, estando previstas “cem chicotadas” para aquelas que não cumpriam as regras (Corniel).

A mulher negra integrou-se desde o início na resolução dos problemas sociais da Ilha, sendo a “negra do hospital” um exemplo<sup>33</sup>. No interior da comunidade de escravizados, algumas mulheres desempenhavam o papel de terapeutas com base nos conhecimentos que tinham das propriedades das plantas que cultivavam, conservavam e processavam (ver secção ‘Tratar doentes’).

Um outro papel que os colonos atribuíram às escravas era o de “mecanismo de contrainsurgência”<sup>34</sup> durante o período da escravatura. Na primeira metade do século XVI,

---

<sup>30</sup> Jean-Pierre Tardian, 2006.

<sup>31</sup> Rachel O’Toole. *From the Rivers of Guinea to the Valleys of Peru* (Dos rios da Guiné aos vales do Peru).

<sup>32</sup> Celsa Albert Batista, 1990, p. 189. As obras de Celsa Albert Batista, Lissette Acosta Corniel e Clarisa Carmona constituem referências de peso sobre a condição da escrava africana em Santo Domingo.

<sup>33</sup> Celsa Albert Batista, 1990; Lissette Acosta Corniel, 2015.

<sup>34</sup> Expressão de Celsa Albert Batista, obra citada.

os africanos já eram em maior número que os europeus em Hispaniola e isso era um motivo de temor da população branca. Neste contexto, a importação de mulheres africanas também com essa finalidade foi considerada essencial pelos colonos espanhóis<sup>35</sup>.

Acreditavam que, vivendo em família, os escravizados africanos seriam menos propensos à indisciplina, rebelião e fuga das plantações. Passaram a obrigá-los a casar-se com africanas, pela igreja católica. As mulheres eram assim utilizadas como chantagem moral e social.<sup>36</sup> Seria no entanto um erro grave crer que este era o único método ou mesmo o método principal para controlar os escravos do sexo masculino e criar da parte deles um espírito de submissão e subserviência. Os esclavagistas empregavam também e sobretudo a violência sistemática, o castigo desumano e o medo.

Às mulheres escravizadas foi igualmente reservado o papel de “máquinas reprodutoras” como observa Celsa Albert Batista. Uma elevada taxa de procriação nas Américas era essencial para reduzir a importação de escravizados diretamente de África. Aqui é preciso compreender que a disponibilidade da mão-de-obra escravizada foi sempre uma questão central na economia transatlântica. As mulheres passaram a ser importadas em grande número em resposta às necessidades crescentes de desenvolvimento de Hispaniola. Os seus preços no mercado subiram, sobretudo daquelas em idade de procriar e com capacidade de ter muitos filhos. Os capitães dos navios europeus, os comerciantes de escravos e os compradores em solo americano privilegiavam as adolescentes<sup>37</sup>. Nos primeiros séculos, os muitos escravizados mortos (10% em média durante a travessia do Atlântico, ou nas Américas), os velhos e os incapacitados de trabalhar eram facilmente substituídos por novos escravizados levados diretamente de África. Proprietários esclavagistas que não possuíam dinheiro para comprar novos escravos “tinham que cuidar do que tinham”, não por caridade ou benevolência mas por imperativos económicos, esclarece Clarisa Carmona.

Quando a economia das plantações atingiu o auge no século XVIII, as necessidades em mão-de-obra escrava cresceram na mesma proporção. O número de africanos deportados para as Américas atingiu então o pico. Nesse período intensificaram-se igualmente a resistência dos africanos em África e nas Américas e ao mesmo tempo a ação dos abolicionistas africanos e europeus. Por conseguinte, a emigração forçada dos africanos para as Américas tornou-se cada vez mais difícil, mais arriscada e mais custosa.

À procura de alternativas, os esclavagistas dedicaram-se cada vez mais à importação clandestina, ao comércio intra-americano de escravos e também à reprodução forçada em várias partes das Américas. Criaram colónias e viveiros de escravos, cujo

---

<sup>35</sup> Celsa Albert Batista.

<sup>36</sup> Larrazábal Blanco, 1975; Carlos Esteban Deive, 1988; Celsa Albert Batista, obra citada; Lisette Acosta Corniel, obra citada.

<sup>37</sup> Cesar Albert Batista, p. 192.

negócio era produzir e vender escravos<sup>38</sup>. O seguinte exemplo vindo da América do Norte (ver *The Forgotten History of Slave Breeding Farms. A Dark Chapter in America*) é instrutivo:

*Robert Lumpkin era um dos líderes do negócio de viveiros de escravos. A sua “prisão” tinha uma vedação de mais de três metros de altura e picos de ferro. A população do viveiro era constituída essencialmente por mulheres e crianças que ainda não tinham idade para ser vendidas. Havia um número limitado de homens, cuja tarefa era engravidar o maior número possível de escravas. Aos homens dava-se capuzes ou sacos que colocavam nas suas cabeças, para não saberem com quem estavam a fazer sexo. Podia ser alguém que conheciam, talvez uma sobrinha, uma irmã ou mãe. Quanto ao proprietário dos viveiros, ele só queria uma criança que pudesse vender mais tarde.*

As africanas em Santo Domingo eram vítimas, como os homens, da brutalidade e das injustiças próprias da economia escravagista. José Núñez Collado (2022), um especialista da história urbana de Santo Domingo escreve:

*O poder colonial tinha dois eixos fundamentais: um era a constituição de uma estrutura de controle do trabalho e dos seus recursos e produtos. O outro era a classificação social da população em torno da ideia da raça, uma construção mental que exprime a experiência básica da dominação colonial. Os dois sistemas legitimaram a opressão das outras raças para cimentar o projeto colonial<sup>39</sup>.*

Na realidade, as mulheres sofriam mais, devido à sua tripla condição de escravas, negras e mulheres. Ser escrava africana em Santo Domingo e noutras partes das Américas era estar sujeita diariamente a atos de racismo, discriminação e desprezo, elementos integrantes do sistema colonial.

A economia transatlântica era um sistema desumano bastante complexo. Continha por vezes um elemento de negociação entre os principais atores que eram, de um lado, homens e mulheres escravizados e do outro, proprietários escravagistas. O interesse dos últimos era obviamente o rápido enriquecimento; não hesitavam em utilizar meios brutais, mas sabiam também que era por vezes necessário negociar certos aspetos para levar os escravos a continuar a produzir. Quanto aos escravizados, eles procuravam melhorar o pouco que pudessem as suas condições de vida. Tal como Carmona (2023), Carney (2001; 2018), na sua obra-mestra sobre orizicultura africana na Carolina do Sul (EUA), vê na concessão de um pequeno lote de terra ao escravo e em certas alterações ao regime de

<sup>38</sup> June Soomer, 2020; William Spivey, 2022; Aisha Djelid, 2019.

<sup>39</sup> José Núñez Collado, p. 746-747.

trabalho mecanismos chave da negociação. Para o proprietário da plantação, explica Carney, são menos despesas com a alimentação e o vestuário de escravos; para o escravo é uma melhoria, mesmo que pequena, da sua alimentação e a possibilidade de ganhar algum dinheiro com a venda, quando autorizada, dos seus produtos nos mercados vizinhos. Sem esquecer a dimensão cultural da alimentação, sublinhada por Carney, quando o escravo podia produzir as suas plantas preferidas.

A vontade de conseguir uma melhoria relativa do seu dia a dia poderá também ter levado os escravizados a aceitar transferir certos conhecimentos e tecnologias aos esclavagistas. Por exemplo, a tecnologia do arroz no Sul dos Estados Unidos e a medicina natural em Santo Domingo, mencionadas por Judith Carney (2001) e Karol Weaver (2002) respetivamente. Os objetivos e interesses dos participantes nas negociações continuavam a ser diferentes, os instrumentos e as relações de força também, mas cada parte procurava ganhar algo. Clarisa Carmona considera que as negociações eram um “jogo de máscaras em que cada parte sabia que estava a ser enganada, mas fazia concessões” no quadro de uma dicotomia entre luta e negociação.

Alguns escravos, homens e mulheres, readquiriram a sua liberdade, pela vontade dos seus donos ou porque a compraram. Entre eles, havia mulheres vendedeiras que entregavam aos seus amos uma parte dos seus rendimentos e economizavam a outra parte para comprar a sua liberdade<sup>40</sup>. Aquelas que conseguiam, era graças ao trabalho árduo de vários anos ou de toda uma vida. Como os preços da alforria eram demasiado altos, houve casos em que foram pagos por familiares<sup>41</sup>.

As escravizadas que conseguiam a carta de alforria, gozavam legalmente de certos direitos, como por exemplo a liberdade de movimentos, possuir uma modesta habitação, vender nos mercados. A liberdade não era total e a grande maioria vivia na pobreza. Muitas das barreiras raciais e sociais impostas pelo sistema, por exemplo na cidade de Santo Domingo permaneciam intransponíveis<sup>42</sup>. Eram livres, mas inferiores, argumenta Myriam Cottias. Estavam mais próximas das outras negras que continuavam sob o estatuto de escravizadas do que das brancas. A liberdade de que gozavam os escravos era uma farsa pois o objetivo era manter uma calma aparente numa sociedade em que a população negra era cada vez mais numerosa<sup>43</sup>.

Clarisa Carmona vê na compra da liberdade um ato de resistência contra o sistema esclavagista e não um ato de bondade dos amos. Acrescenta que, apesar do estatuto formal de pessoa livre, o ex-escravo “tinha aos olhos dos colonos, uma dupla imagem: para uns era um homem útil, com uma profissão; para outros, era um rebelde, ladrão e protetor

---

<sup>40</sup> Lissette Acosta Corniel.

<sup>41</sup> Clarisa Carmona, 2023, 12/16.

<sup>42</sup> José Núñez Collado.

<sup>43</sup> Clarisa Carmona, obra citada.

de escravos fugitivos. Tinha os deveres do espanhol, mas também os de um escravo. Era um marginal...”

### **Sem cara e sem nome**

Não se sabe se o nome da “negra do hospital” se perdeu com o desaparecimento de algum documento ou se nunca chegou a ser registado oficialmente. A questão dos nomes ultrapassa de longe o caso da fundadora do primeiro hospital das Américas. A partir do momento em que os africanos embarcavam nos navios escravagistas começava um processo destinado a apagar a sua identidade e o seu passado, dos quais os nomes são um dos determinantes. O objetivo dos europeus era torná-los indivíduos submissos, com um destino limitado à captividade. Uma das estratégias consistia em renomeá-los ou privá-los de identidade<sup>44</sup>.

Além da situação descrita nos parágrafos anteriores, a manipulação do nome, enquanto elemento de identidade individual e coletiva consistia também em retirar aos recém-chegados às Américas os seus nomes africanos e atribuir-lhes o nome cristão pelos seus proprietários. Muitas vezes recebiam o apelido dos proprietários.<sup>45</sup> Também e como vimos na secção anterior, os apelidos de alguns dos escravos eram nomes da sua etnia ou lugar de origem em substituição dos seus nomes africanos de origem.

### **A “negra do hospital”**

*Entre 1497 e 1501 uma mulher negra estabeleceu na antiga aldeia de Santo Domingo a primeira estrutura semelhante a um hospital das colónias da América.*

PARES, Portal de Archivos Españoles – Archivo General de Indias,  
SANTO DOMINGO, 03, R 6

A fundadora do hospital tinha que ser uma mulher de forte personalidade, grande inteligência, extraordinário humanismo e capacidade de luta invulgar num ambiente profundamente hostil aos africanos e, mais ainda às africanas. A “negra do hospital” dava assistência tanto aos africanos como aos ameríndios, e brancos pobres. Guillermo Fajardo-Ortiz (2006), que publicou sobre as ruínas do Hospital San Nicolás de Bari insiste que foi ela quem iniciou a assistência hospitalar em Santo Domingo. No site First Blacks in the Americas do Instituto de Estudios Dominicanos da City University de Nova Iorque <sup>46</sup> pode-se ler o seguinte:

<sup>44</sup> Liseli A. Fitzpatrick, 2012; Ver também José Luis Belmonte Postigo.

<sup>45</sup> Vicent Sanz Rozalén y Michael Zeuske (2017, p. 12); Myriam Cottias (2021).

<sup>46</sup> Transcrição N° 060 Fonte: Archivo General de las Indias.

*A segunda pessoa de origem negro-africana que aparece na documentação histórica depois de Juan Preto ou Juan Moreno foi uma mulher cujo nome se desconhece neste momento e cuja presença na colónia é anterior a 1502. Recordada como a “negra do hospital” por gerações de habitantes de Santo Domingo como uma curandeira que fornecia assistência médica aos pobres da cidade num lugar descrito como uma cabana própria (o que nos leva a deduzir que era uma mulher negra livre), antes mesmo que Ovando, no quadro da sua campanha colonizadora, tivesse construído um hospital no mesmo lugar onde “a negra do hospital prestava os seus serviços.*

Lisette Acosta Corniel confirma que a “negra do hospital” é a primeira mulher africana que aparece nos documentos coloniais das Américas, o que corresponde à informação contida num dos manuscritos citados na secção ‘O verdadeiro primeiro hospital’ deste trabalho. Tendo em conta os documentos citados e vários outros, permanece a questão de saber porque é que o nome da “negra do hospital” não se encontra em nenhum documento escrito. Frei Cipriano Delgado considera que não é por esquecimento mas por causa do saque e incêndio causados em Santo Domingo pelo corsário inglês Francis Drake em 1586. Mas Acosta Corniel indica uma razão suplementar e mais forte: “O Governador espanhol Nicolás de Ovando não podia deixar que a sua obra fosse ocultada pelo trabalho de uma negra, por mais piedosa que fosse”<sup>47</sup>.

Pela época em que chegou a Santo Domingo, a “negra do hospital” provinha, como outros escravos, muito provavelmente de Sevilha, Espanha. Lisette Acosta Corniel explica que as primeiras mulheres negras chegaram a Hispaniola tão cedo como os homens, isto é, na última década do século XV. É o que se pode ler também no site First Blacks. Segundo ainda Corniel, a “negra do hospital” era uma alforriada (livre), pois possuía uma cabana onde atendia os seus doentes. Pelo facto de ter construído uma capela perto do hospital, ela era provavelmente cristã e ladina (isto é, assimilada) o que aponta para a probabilidade de ter vivido em Espanha. Embora fosse livre em Santo Domingo, ela não gozava dos mesmos direitos que os espanhóis.

Lebawitt Lily Girma escreve que a “negra do hospital” era oriunda da Senegâmbia o que, na terminologia da época, tanto podia ser do Senegal, da Gâmbia ou da Guiné-Bissau atual. Catherine Delamarre-Sallard e Bertrand Sallard são mais precisos e categóricos quando afirmam que a mulher que fundou o primeiro hospital era de facto proveniente do território que é hoje a Guiné-Bissau:

*Afinal, quem era esta mulher generosa a quem apenas designavam por negra? Tratava-se sem dúvida de uma escrava. De facto, havia um grande*

---

<sup>47</sup> Lisette Acosta Corniel, p. 212.

*número de negros escravos na Andaluzia desde o fim do século XV. Eles eram trazidos diretamente da Guiné Portuguesa em navios castelhanos ou comprados nos mercados de escravos portugueses.*

Note-se que Andaluzia, mencionada na citação, é a região de Espanha onde fica Sevilha de onde partiram os primeiros escravos africanos que os espanhóis levaram para Santo Domingo.

As únicas doenças em Hispaniola que os europeus conheciam nos finais do século XV e nos inícios do século XVI eram aquelas que eles próprios levaram (por exemplo sífilis, varíola, sarampo) e que se revelaram muitas vezes fatais para a população autóctone.<sup>48</sup> Não estavam ainda familiarizados com as doenças das regiões tropicais da África e da Américas e não sabiam tratá-las. Quem sabia eram os ameríndios e os africanos que conheciam as doenças e as propriedades terapêuticas das plantas tropicais e eram capazes de produzir com elas os medicamentos necessários.

Os europeus procuravam aprender com os escravizados africanos, embora com relutância e às escondidas, tendo dificuldades em ultrapassar os seus preconceitos raciais. Karol Weaver (2002)<sup>49</sup> assinala que, embora usassem remédios dos escravos, os médicos e proprietários brancos tentavam minimizar a sua importância e especulavam mesmo que faziam parte da terapia tradicional europeia. Muitos se indignavam perante a colaboração de brancos com os terapeutas africanos.

A “negra do hospital” realizou, tal como os outros terapeutas africanos, a sua obra na base dos conhecimentos e experiências que levou de África, e provavelmente também do capital cultural e natural que encontrou em Hispaniola. Esse capital já era utilizado pelos ameríndios, os primeiros habitantes da Ilha. Mais tarde foi utilizado e reforçado pelos africanos através da interação e colaboração entre as duas comunidades<sup>50</sup>. A contribuição dos escravos africanos ao capital comum e à medicina na Ilha foi enorme graças às suas competências e à transferência de plantas a partir de África. Fenómeno igualmente importante, após a exterminação dos ameríndios, os africanos passaram a ser os depositários e conservadores do legado dos ameríndios em matéria de medicina natural<sup>51</sup>.

### **Tratar doentes**

Os africanos levaram consigo para as Américas os seus conhecimentos e experiências, ensinam Judith Carney (2004) Judith Carney e Richard Rosomoff (2009) e Paul Lovejoy (2013), três académicos que estudaram pormenorizadamente o legado botânico, cultural e tecnológico dos escravizados nas Américas. Carney menciona um número

---

<sup>48</sup> Alfred Crosby Jr, 2003.

<sup>49</sup> P. 421.

<sup>50</sup> Ver, entre outros, Judith Carney, Judith Carney e Richard Rosomoff, Paul Lovejoy, Karol Weaver, Alyson Morgan.

<sup>51</sup> Carney and Rosomoff, 2009.

considerável de plantas que os escravos introduziram e cultivavam, como se pode ler na passagem seguinte:

*Plantas africanas chegaram às Américas nos navios escravagistas várias vezes no decurso dos 350 anos do comércio atlântico de escravos. As plantas alimentares e medicinais eram cultivadas pelos escravos nas parcelas de subsistência das plantações e nos quintais das casas. Deste modo, mais de 50 espécies nativas de África transformaram-se em recursos botânicos das Caraíbas. Além disso, 14 espécies de origem asiática cultivadas em África desde a Antiguidade foram igualmente estabelecidas pelos africanos*<sup>52</sup>.

A importância da introdução de plantas é também realçada por Paul Lovejoy, quando afirma com autoridade que “praticamente todas as novas plantas nas Américas eram originárias de África ou eram cultivadas em África antes da sua introdução nas Américas”<sup>53</sup>. Para além das plantas introduzidas, os conhecimentos e competências dos escravizados desempenharam um papel determinante na economia transatlântica. Os africanos utilizavam as mesmas plantas que existiam em África e em Santo Domingo e também plantas aparentadas que encontraram neste último lugar. “Os conhecimentos botânicos dos africanos das Américas alargaram-se aos géneros pantropicais utilizados para curar doenças em África e que também podiam tratar doenças nas Américas”<sup>54</sup>. Outro aspeto importante, as mulheres desempenhavam um papel central no cultivo, colheita e conservação das plantas e na preparação de medicamentos. Relativamente à “negra do hospital”, Benedicto Cuervo Álvarez (2015) especifica que, além das plantas e outros elementos da Natureza que não especifica, ela provavelmente recorria a invocações.

A dimensão psicológica e espiritual da terapia praticada pelos escravos africanos e seus descendentes é sublinhada por vários outros investigadores<sup>55</sup>. Todos eles se referem à contribuição das plantas à resiliência dos africanos nas duras e desumanas condições da escravatura. As plantas forneciam “luz, sabor, conexão, memória e alegria”<sup>56</sup>. Carney, Lovejoy e Morgan destacam a adaptação dos escravos africanos às novas condições ecológicas nas Américas e a aplicação dos novos conhecimentos que adquiriram dos ameríndios. Os esforços de adaptação incluíam experimentações com plantas do seu ambiente<sup>57</sup> na sua dieta, terapia e práticas religiosas.

---

<sup>52</sup> Judith Carney, 2004, p. 169-170.

<sup>53</sup> Paul Lovejoy, p. 1.

<sup>54</sup> Judith Carney, 2004, p. 88-89.

<sup>55</sup> Judith Carney; Paul Lovejoy; Alyson Morgan.

<sup>56</sup> Alyson Morgan, 2022.

<sup>57</sup> Judith Carney.



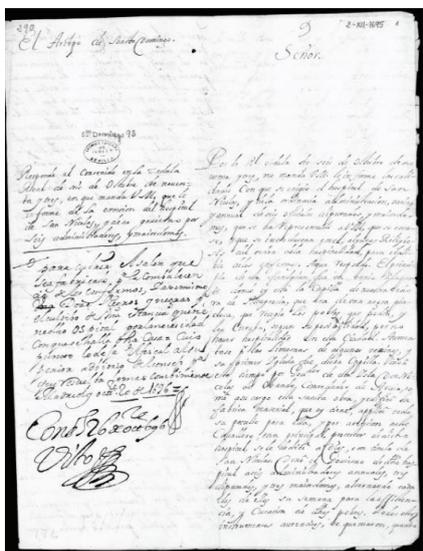
Plantas medicinais da República Dominicana.  
Fonte: <https://opacbiblioteca.intec.edu.do/cgi-bin/koha>

Os escravizados continuaram a fazer remédios tal como faziam em África, com as mesmas plantas que cresciam na Caraíbas ou com plantas diferentes. A medicina natural africana-americana apoiava e ao mesmo tempo subvertia o sistema colonial<sup>62</sup>.

A "negra do hospital" terá sobressaído em relação aos outros terapeutas de origem africana ao construir e, mais tarde, expandir uma infraestruturas física onde recebia doentes ao abrigo dos elementos do clima. Isso era totalmente inédito em Santo Domingo e nas Américas. Alguns escritos descrevem-na como uma mulher piedosa, como por exemplo o livro de Catherine Delamarre-Sallard e Bertrand Sallard e os

manuscritos de dois arcebispos de Santo Domingo citados atrás. O facto de ela ter sido capaz de sobreviver à sua tripla condição de escrava, mulher e negra, e realizar a sua imensa obra só contribui para engrandecê-la ainda mais e leva-nos a querer saber mais sobre ela<sup>58</sup>.

## O verdadeiro primeiro hospital das Américas



Manuscrito de 1695. Fonte: <http://firstblacks.org/en/manuscripts/ib-primary-060-manuscript/>

Em Santo Domingo, capital da atual República Dominicana, dois hospitais foram construídos na mesma área, em datas diferentes, mas na mesma época histórica e por pessoas diferentes. A historiografia oficial afirma que antes do hospital que o espanhol Nicolás de Ovando começou a construir, não havia nenhum hospital em todo o continente americano. A criação do primeiro hospital foi-lhe assim atribuída. No entanto, tudo indica que, quando Ovando chegou a Santo Domingo em 1502, já havia um hospital, construído por uma negra. Graças às doações dos vizinhos, a africana conseguiu alargá-lo (como vimos) e até construiu uma capela ao lado. É esse

o posicionamento dos descendentes dos escravizados africanos baseado tanto na tradição oral como em manuscritos da época colonial e diversos estudos, alguns dos quais bastante recentes que citamos neste trabalho.

Maribel Núñez, líder da organização Acción Afro-Dominicana confirma a informação partilhada pela comunidade dos descendentes dos escravos africanos de que a “negra do

<sup>58</sup> Karol Weaver 2002.

hospital” curava doentes exatamente no lugar onde mais tarde seria construído o hospital San Nicolás de Bari<sup>59</sup>. Também se pode ler a seguinte passagem num artigo de Guillermo Fajardo-Ortiz: “Frei Nicolás de Ovando retomou as atividades da mulher negra, recebeu o apoio dos alcaides, religiosos e habitantes do lugar... e fundou um estabelecimento hospitalário ao qual deu o seu nome”<sup>60</sup>. Ovando começou a construir o “seu hospital” a 29 de novembro de 1503. “Ele era a autoridade máxima da Ilha... e a sua ação não podia ficar ocultada pelo trabalho de uma negra, por mais piedosa que ela fosse”<sup>61</sup>, como referido anteriormente. A proposta desta investigadora diante deste problema de atribuição é que “uma visão mais ampla dos negros no Novo Mundo ajudaria a explicar o caso da “negra do hospital”.

A africana terá construído o seu hospital entre 1497 e 1501, isto é, antes da chegada de Ovando, de acordo com documentos em posse do Instituto dos Estudos Dominicanos da City University de Nova Iorque. Lissette Acosta Corniel escreve que “Frei Cipriano de Utrera aceita a tradição de que se deve à negra as origens da instituição criada por Ovando. Quando o Governador Nicolás de Ovando chegou à Ilha em 1502, a “negra do hospital” já vivia em Santo Domingo e curava enfermos na sua cabana”. Isso aconteceu numa época de elevada taxa de mortalidade da população na ilha<sup>62</sup>. Segundo Corniel, a negra era uma pessoa “livre”. Mas negra e mulher, estava forçosamente sujeita a restrições, discriminações e humilhações próprias do sistema escravagista. Um outro manuscrito, de 1783<sup>63</sup> vai no mesmo sentido:

A existência e a obra da escrava que construiu o primeiro hospital antes da chegada de Ovando a Santo Domingo são atestadas por dois manuscritos aos quais tivemos acesso por cortesia do Instituto de Estudos Dominicanos da City University de Nova Iorque. Na figura a seguir, apresentamos uma cópia de um dos manuscritos. O primeiro é uma carta do Arcebispo de Santo Domingo com data de 2/12/1695 destinada à Coroa de Espanha que traduzimos da transcrição em espanhol:

*Por decreto real de 6 de Outubro de noventa e três [1693], sua Majestade ordena que eu lhe informe sobre a construção do hospital de San Nicolás... A minha resposta é que a origem desta instituição foi uma cabana localizada no sítio onde se encontra atualmente a capela Nossa Senhora de Altagracia. Pertencia a uma negra piedosa que abrigava todos os pobres que podia e curava tantos como era capaz, porque não havia hospital nesta cidade. A cabana foi expandida graças às esmolas de alguns residentes<sup>64</sup> e a primeira*

<sup>59</sup> Entrevista a Lebowitt Lily Girma (obra citada).

<sup>60</sup> Guillermo Fajardo-Ortiz, p. 211.

<sup>61</sup> Lissette Acosta Corniel, 2015.

<sup>62</sup> Catherine Delamarre-Sallard e Bertrand Sallard.

<sup>63</sup> De Utrera, p. 290, cita al AGI, 78-6-13, citado por Lissette Acosta Corniel (obra citada).

<sup>64</sup> Ver também Benedicto Cuervo Alvarez, 2015, p. 93

*igreja foi a referida capela. Nesse momento chegou a esta ilha Don Nicolas de Ovando [...] como governador. Tomou conta deste projeto e construiu o hospital com os materiais que hoje tem.*

Guillermo Fajardo-Ortiz observa que “a cabana onde a negra prestava assistência médica parece coincidir com um hospital a que se refere o historiador de medicina M. Zúñiga”. Como mencionado anteriormente, Catherine Delamarre-Sallard e Bertrand Sallard também contestam que o primeiro hospital das Américas tenha sido construído por Nicolás de Ovando. Os meios que a africana teve à sua disposição para construir o hospital não podem ser comparados com os do espanhol Nicolás de Ovando, como governador da Ilha. Este mandou construir o “seu” hospital de pedra e de maiores dimensões, cujas ruínas ainda existem. Não podia ignorar que antes dele e no mesmo lugar uma africana tinha um hospital. Foi de certeza inspirado pelo seu trabalho. Guillermo Fajardo-Ortiz afirma mesmo, como vimos atrás, que Ovando “retomou as atividades da negra”.

Numa placa no centro de Santo Domingo pode-se ler: “Ruínas do templo: hospital de San Nicolás de Bari. Foi construído de 1503 a 1508 por Don Nicolás de Ovando, governador da Ilha Hispaniola e suas dependências”. As ruínas encontram-se na Ciudad Colonial, património mundial da Humanidade da UNESCO. Nenhuma placa ou qualquer outra marca se refere à mulher guineense que fundou o verdadeiro primeiro hospital das Américas. Mas como diz o congolês (de Brazzaville) Emmanuel Dongala no seu livro de 1987 “O fogo das origens”, *a história de um povo não deve morrer com aqueles que nela participaram. Ela deve ser transmitida de boca em boca, de memória em memória aos netos dos nossos netos.*

José Filipe Fonseca  
zefilipefonseca@gmail.com  
Março de 2024

## Referências

ABC News. '10 Million Names' documents enslaved people of African descent. ABC News, August 2, 2023. <https://abcnews.go.com/GMA/Living/video/10-million-names-documents-enslaved-people-african-descent-10194484>.

Álvarez, Benedicto Cuervo. San Nicolás de Bari: el primero hospital construido en América (1503). *La Razón histórica: revista hispanoamericana de historia de las ideas políticas y sociales*, ISSN-e 1989-2659, Nº. 31, 2015 (Ejemplar dedicado a: Ética y estética), págs. 91-115.

Batista, Celsa Albert. Mujer y esclavitud en Santo Domingo. "Introducción" y "Presencia de la mujer africana en la isla la Española ». In: *Mujer y esclavitud en Santo Domingo* (Santo Domingo: Editora Centro Dominicano de Estudios de la Educación – CEDEE). 1990.

Batista, Celsa Albert. República Dominicana, primer pueblo afro-descendiente de América. *ALANDAR UCSD*. Volume XI. Año XIV. No 21. Enero-Junio 2006.

Blanco, Carlos Larrazábal. Los negros y la esclavitud en Santo Domingo. Santo Domingo: Colección Pensamiento Dominicano, 1975.

Borucki, Alex. Trans-imperial History in the Making of the Slave Trade in Venezuela, 1526-1811. *Itinerario* volume XXXVI, Issue 2, 2012.

Bui, Doan. La saga de l'esclave Madeleine et de son fils Furcy. In *Esclavage. Une Histoire française. Les Hors Série de l'OBS* N° 107, avril 2021.

Carmona, Clarisa. Esclavitud más allá de la plantación. El caso de Santo Domingo (siglo XVIII). *Revista Estudios Generales* no. 5. 14/07/23. [https://issu.com/unapec/docs/revista\\_estudios\\_generales/s/11083670](https://issu.com/unapec/docs/revista_estudios_generales/s/11083670).

Carney, Judith. Black Rice. The African Origins of Rice Cultivation in the Americas. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

Carney, Judith. African Traditional Plant Knowledge in the circum-Caribbean Region. *Journal of Ethnobiology* 23 (2): 167-185. Fall/Winter 2003.

Carney, Judith. "' With grains in her hair': rice in colonial Brazil", *Slavery and Abolition*, 25-1, 1-27. *A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, 25:1, 1-27. 2004.

Carney, Judith and Rosomoff, Richard Nicholas. In the Shadow of Slavery. Africa's Botanical Legacy in the Atlantic World. Berkeley: University of Carolina Press, 2009.

Carney, Judith. Arroz Negro. As origens africanas do cultivo do arroz nas Américas. Bissau: IBAP, 2018.

City University of New York. Dominican Studies Institute. First Blacks in the Americas. La manumisión como herramienta de la esclavitud. Dominican Studies Institute. <http://firstblacks.org/spn/summaries/manumisión-as-social-practice>

City University of New York. First Black in the Americas. AMERICAS: The African Presence in the Dominican Republic – A project of the– Transcription No 060-Page 1 of 1. Fonte: Archivo General de las Indias. SANTO DOMINGO, 93, R. 6 <https://www.org/stable/community.22194224>.

City University of New York. Dominican Studies Institute. First Blacks in the Americas. Las mujeres negras, presentes en La Española tan temprano como los hombres negros. <http://firstblacks.org/spn/black-women-present-from-the-start>.

City University of New York. Dominican Studies Institute. First Blacks in the Americas. Somewhere between 1497 and 1501, a Black woman in the early village of Santo Domingo established the first hospital-like healing facility in the Americas. <https://www.jstor.org/stable/community.22194224>.

Collado, José Núñez. (Re)constructing (In)formality: The Politics of History, Urbanism, and Resettlement in Santo Domingo's Barrios. Doctoral dissertation. Victoria University of Wellington, 2022.

Collado, José Núñez and Merwood-Salisbury, Joanna. Stones and slaves: labour, race and spatial exclusion in colonial Santo Domingo. *Urban History* (2022), **49**, 746-770. Doi:10.1017/S0963926821000456. Published by: Cambridge University Press.

Corniel, Lissette Acosta. Negras, mulatas y morenas en La Española del siglo XVI (1502-1606). In Casares, Aurelia Martín (ed.): *Esclavitud, mestizaje y abolicionismo en los mundos hispánicos*. Editorial Universidad de Granada 2015.

Corniel, Lissette Acosta. Elena: Running to Dance and Other defects in Colonial Santo Domingo 1771-73). In; *Women, Gender, and Families of Color*. Fall 2021, Vol. 9, No 2, pp. 189-207.

Corniel, Lissette Acosta. Juana Gelofa Pelona: An Enslaved but Insubordinate Witness in Santo Domingo (1545-1555). *Perspectivas Afro* 1/2 (2022):77-90. Doi:<https://doi.org/10.32997/pa-2022-3833>.

Cottias, Myriam. Free but Minor. Slave Women, Citizenship, Respectability, and Social Antagonism in French Antilles, 1830-90. In: Campbell, Gwyn, Miers, Suzanne, and Miller, Joseph C. (Editors): *Women and Slavery. Volume Two: The Modern Atlantic*. Athens: Ohio University Press, 2008.

Cottias, Myriam. Écrire l'Histoire des Sans-Histoires. In : *Esclavage : Une Histoire Française. Les Hors-Serie de l'OBS N° 107*, avril 2021.

Crosby, Alfred. *The Colombian Exchange. Biological and Cultural Consequences of 1492*. West Port, Connecticut: Praeger, 2003.

Curry, Andrew. America's first cowboys were enslaved, African ancient cow DNA suggests. *Science*. 22 September 2023. American Association for the Advancement of Science. Doi:10.1126/science.adl0015.

Deive, Carlos Esteban. *La Esclavitud del Negro en Santo Domingo*. Santo Domingo: Museu del Hombre Dominicano. Tomo I y II, 1988.

Delamarre-Sallard, Catherine et Sallard, Bertrand. *La femme au temps des Conquistadores*. Paris : Éditeur Stock, 1992.

Delson, Nicholas et al. Ancient DNA confirms diverse origins of early post-Columbian cattle in the Americas. *Nature Scientific Reports*, 2023. <https://doi.org/10.1038/s41598-023-3058-3>.

Dième, Doudou (Dir). *De la cadena al vinculo. Una vision de la trata de esclavos.: Memoria de los pueblos*. La Ruta de los Esclavos. Paris: UNESCO, 2001.

Djelid, Aisha. "The master wished to reproduce". The (Forced) Reproduction of Enslaved Life in the Antebellum South, 1808-1865. <https://blogs.reading.ac.uk/gender-history-cluster/2021/04/19/forced-reproduction/>

Dongala, Emmanuel. *Le feu des origines*. Paris : Albin Michel, 1987.

Escuer, Edmundo Fayanás. *Historia de la esclavitud en España. Segunda parte*. Nueva tribuna.es. 2023 <https://www.nuevatribuna.es/articulo/cultura--ocio/historia-esclavitud-espana-monarquia-cultura/20201001191252179706/html>

Fajardo-Ortiz, Guillermo. Perfiles y ruinas del primer hospital de América : Hospital San Nicolás de Bari, en Santo Domingo, República Dominicana. *Historia y Filosofía de la Medicina*. Grac Méd Mex Vol. 142 No 1, 2006.

Fields-Black, Edda. *Deep Roots. Rice Farmers in West Africa and the African Diaspora*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008.

- Fitzpatrick, Liseli. *African Names and Naming Practices. The Impact Slavery and European Domination had on African Psyche, Identity and Protest*. Ohio University Press, 2012.
- Follett, Richard. *Gloomy Melancholy. Sexual Reproduction among Louisiana Slave Women, 1840-60*. In: Campbell, Gwyn, Miers, Suzanne, and Miller, Joseph C. (Editors): *Women and Slavery. Volume Two: The Modern Atlantic*. Athens: Ohio University Press, 2008.
- Fonseca, José Filipe. Benkos Biohó. Escravo guineense funda o primeiro território negro livre das Américas. <https://bentem.net/?p=4140>
- French. Howard. *Born in Blackness. Africa, Africans, and the Making of the Modern World, 1471 to the Second World*. Liveright Publishing Corporation, 2022.
- French, Howard. *Built on the bodies of slaves. How African was erased from the history of the modern world*. *The Guardian*, 12 October 2021.
- Girma, Lebewitt Lily. Santo Domingo: the city that kept slavery silent. *BBC Travel*, 18<sup>th</sup> November 2020. <https://www.bbc.com/travel/article/20201117-santo-domingo-the-city-that-kept-slavery-silent?ocid=ww.social.link/email>
- Green, Toby. *A Fistful of Shells. West Africa from the Rise of the Slave Trade to the Age of Revolution*. Penguin Books, 2019.
- Helg, Aline. « L'oral et l'écrit dans l'historiographie des esclaves afro-descendants ». In : *Amériques Noires : Réflexions. Oralité et résistance culturelle et amalgame*. Université de Genève. 1ere Rencontre pluridisciplinaire sur les populations américaines d'origine africaine. Genève, 13-20 mai 2009.
- Hallman, J.C.. *Say Anarcha: A Young Woman, a Devious Surgeon, and the Harrowing Birth of Modern Women's Health*. Macmillan Publishers, 2023.
- Hamby, Erin Brooke. *The Roots of Healing: Archaeological and Historical Investigations of African American Herbal Medicine*. PhD diss., University of Tennessee, 2004. [https://trace.tennessee.edu/utk\\_graddiss/4543](https://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/4543)
- Henriques, Isabel Castro et Sala-Molins, Louis. *Déraison, esclavage et droit. Les fondements idéologiques et juridiques de la traite négrière et de l'esclavage*. UNESCO, 2002.
- Howard, David. *Colonising the Nation: Race and Ethnicity in the Dominican Republic*. PhD thesis. University of Oxford, Trinity Terms, 1997.
- Ismard, Paulin. "Identification". In: Paulin Ismard (direction), Benedetta Rossi (coordination) et Cecile Vidal (coordination). *Les mondes de l'esclavage. Une histoire comparée*. Paris : Éditions du Seuil, 2021.
- Lizardo, Fradique. *Cultura Africana en Santo Domingo*. Santo Domingo: Editora Taller, 1979.
- López, Laura Álvarez. Who named slaves and their children? Names and naming practices among enslaved Africans brought to the Americas and their descendants with focus on Brazil. *Journal of African Studies*, 2015, Vol. 27, No 2, 159-171.
- Lovejoy, Paul. *African Contributions to Science, Technology and Development*. UNESCO, The Slave Route Project, 2013.
- Maiana, Chao Tayiana. Meet the 'headstrong' historian bringing Africa's past to life – for Africans. Entrevista a Caroline Kimen. *The Guardian*, 05/07/23. <https://www.theguardian.com/global-development/2023/jul/03/headstrong-historian-bringing-africa-past-to-life-chao-tayiana-kenya>.
- Miller, Joseph. *Domiciled and Dominated. "Slaving as a History of Women"*. In: Campbell, Gwyn, Miers, Suzanne, and Miller, Joseph C. (Editors): *Women and Slavery. Volume Two: The Modern Atlantic*. Athens: Ohio University Press, 2008.

Morgan, Alyson. Roots of African American Herbalism: Herbal Use by Enslaved Africans. Herbal Academy. International School of Herbal Arts and Sciences 18 August 2022.

Morgan, Kenneth. "Slave Women and Reproduction in Jamaica, ca. 1776-1834". In: Campbell, Gwyn; Miers; Suzanne and Miller, Joseph C. (Editors): Women and Slavery. Volume Two: The Modern Atlantic. Athens: Ohio University Press, 2008.

Novas, Neido. La Española, primera isla de América con presencia negra y alzados africanos.(Sebastián Lemba "Calembó", el más aguerrido).Revista ECOS UASD, Año XXVII, Vol. 2, No. 20, julio-diciembre de 2020. ISSN Impreso: 2310-0680. ISSN Electrónico: 2676-0797 • DOI: <https://doi.org/10.51274/ecos.v27i20.pp25-36> Sitio web: <https://revistas.uasd.edu.do/>

O'Toole, Rachel Sarah. From the Rivers of Guinea to the Valleys of Peru. <https://doi.org/10.1215/01642472-2007-403> *Social Text Volume 25*, Number 3 (92): 2014.

Postigo, Luis Belmonte. Bajo el negro velo de la ilegalidad. Un análisis del mercado de esclavos dominicano 1746-1821. *Mundos Nuevos*. Open Edition Journals. [https://journals.openedition.org/nuevo\\_mundo/69478](https://journals.openedition.org/nuevo_mundo/69478).

Postigo, Luis Belmonte. A Caribbean Affair: The Liberalisation of the Slave Trade in the Spanish Caribbean, 1784-1791. *Culture & History Digital Journal*, 8 (1):eo14. <https://doi.org/10.3989/CHDJ.2019.014>.

Robertson, Claire and Robinson, Marsha. Re-Modeling Slavery as if Women Mattered. In: Campbell, Gwyn, Miers, Suzanne, and Miller, Joseph C. (Editors): *Women and Slavery. Volume Two: The Modern Atlantic*. Athens: Ohio University Press, 2008.

Rodriguez, Yelaine (Creative Director) . Babalú-Ayé y la Negra del Hospital. Film Skills. Columbia University Irving Medical Center, 2022. <https://www.yelainenyc.com>works>.

Rozálen, Vicent Sanz y Zeuske, Michael. Microhistoria de esclavas y esclavos 2017. <http://dx.doi.org/10.6035/MILLARS.2017.42.1-ISSN:1132-9823-vol>. XLII 2017/1-pp. 9-21

Soomer, June. The Manipulation of the Production and Reproduction, [Vol. 63, No. 1/4, Commemorating the Twentieth Anniversary of the Association of Black Women Historians 1979-1999 \(January - December 2000\)](#).

Spivey, William. The Truth About American Slave Breeding Farms. America's Best Kept Secret. 2022. <https://medium.com/recycled/the-truth-about-american-slave-breeding-farms-317390bc98a3>.

Tardian, Jean-Pierre. El negro en la Real Audiencia de Quito. Editorial Abya Yala, 2006.

*Chronicles of Yesterday*. The Forgotten History of Richmond's Breeding Farms: A Dark Chapter in America 2023-03-21.

Thomas, Hugh. The Slave Trade. The History of the Atlantic Slave Trade 1440-1870. Papermac 1997.

Vergès, Françoise. La mémoire enchaînée. Questions sur l'esclavage. Paris : Éditions Albin Michel, 2006.

Watkins, Case and Carney, Judith. Amplifying the Archive: Methodological Plurality and Geographies of the Black Atlantic. *Antipode* Vol. 0, No 0, ISSN 0066-4812, pp. 1-23, doi: 10.111/ant. 1238.

Weaver, Karol Kovalovich. The Enslaved Healers of Eighteenth-Century Saint Domingue. *Bulletin of the History of Medicine*, Fall 2002, Vol. 76, No. 3 (Fall 2002), pp. 429-460. Published by: The Johns Hopkins University Press.